

NOTA SOBRE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E TRATAMENTOS  
NUTRICIONAIS

SOPERJ

Comitê de Neurologia

Comitê de Atenção Integral ao Desenvolvimento e Reabilitação

Comitê de Saúde Mental

Comitê de Alergia e Imunologia

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba um complexo e variado grupo de transtornos de neurodesenvolvimento que podem causar problemas com o pensamento, sentimento, linguagem e capacidade de se relacionar com os outros. A base do TEA é neurobiológica, ou seja, seus sintomas decorrem de alterações funcionais no sistema nervoso central, afetando cognição, comportamento e emoção. O desenvolvimento saudável do sistema nervoso e suas disfunções dependem de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais. No TEA o papel de cada grupo desses fatores ainda não é plenamente conhecido, podendo influenciar de modo peculiar cada indivíduo acometido. Portanto, o TEA certamente não é um transtorno único em sua apresentação clínica, como provavelmente também não o é em sua causalidade.

Apesar da etiologia do TEA ainda não ter sido totalmente estabelecida, alguns fatores já foram afastados como possíveis causas do transtorno, dentre eles as vacinas e falhas nos cuidados maternos. A relação entre o TEA e alimentação tem sido estudada nos últimos anos, baseadas em teorias que deficiências nutricionais ou uma relação imunoalérgica alimentar pudessem ser causa do transtorno. Os estudos já realizados foram pequenos, curtos, com resultados controversos e têm nível de evidência fraco. Até o momento, portanto, não há evidência científica de que a alimentação atue como causa do TEA, ou que deva ser realizado a restrição ou suplementação de grupos alimentares de maneira rotineira em crianças com o transtorno.

Feita esta introdução, a SOPERJ, através de diversos comitês com interesse direto ou indireto no assunto, sente-se no dever de externar sua opinião sobre tratamentos alternativos, baseados na teoria alimentar, que vem sendo divulgados como capazes de curar ou tratar os sintomas do TEA. As terapêuticas oferecidas são variáveis

e incluem dietas com restrição de certos nutrientes (comumente glúten e lactose), ozonioterapia, lavagem intestinal, suplementação de vitaminas, minerais e ômega 3. Tais tratamentos não são recomendados, pois além de não terem evidência científica de sua eficácia, podem causar prejuízos diversos, como colocar em risco nutricional crianças que muitas vezes já apresentam seletividade alimentar e levar a hipervitaminoses. Além disso, tais tratamentos desviam tempo e recursos que poderiam ser utilizados em terapêuticas comprovadamente eficazes.

O TEA causa profundo impacto não só em seu portador, mas também em seus familiares, que recebem, com toda a razão, diante das poucas respostas que os clínicos ainda podem oferecer em termos de tratamentos específicos e eficazes, quaisquer novas propostas de tratamento com grande expectativa e esperanças. Este sentimento é lícito e compreensível. Mas, diante do que foi exposto acima, não podemos esperar que a tão aguardada cura venha de uma única terapia para qualquer caso de TEA.

Aproveitando o ensejo dessa nota, a SOPERJ se posiciona contra os movimentos anti-vacina, que vêm ressurgindo nos últimos anos. A teoria de que as vacinas pudessem ter relação com o TEA se iniciaram em 1998, quando foi publicado um artigo na revista Lancet sugerindo uma associação entre a vacina tríplice viral e o TEA. Uma análise mais detalhada encontrou diversas inconsistências e conflitos de interesse no estudo, fazendo com que a própria revista se retratasse mais de uma vez e o autor do estudo perdesse sua licença médica na Inglaterra. Inicialmente, a afirmação foi levada a sério pela comunidade científica, e diversos estudos mais bem desenhados foram realizados de lá para cá, incluindo uma meta-análise com mais de um milhão de crianças no total, que não encontrou associação das vacinas com TEA ou outros transtornos do desenvolvimento, independente do adjuvante utilizado (como mercúrio e timerozal). A não vacinação coloca em risco não só a criança como as pessoas do seu convívio, de contrair doenças graves que poderiam ser facilmente prevenidas e permite o ressurgimento de surtos de doenças que já haviam sido erradicadas.

Os comitês signatários desta nota acreditam que num futuro não muito distante, a comunidade científica, com estudos sérios, criteriosos, que envolvam

grandes amostras e que acompanhem por longo tempo estes indivíduos, vai chegar a resultados promissores. Oferecer qualquer solução sem este cuidado é leviano para com a saúde de nossos pacientes.